

REFLEXÕES SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Daize Raquel Pereira – daizeraquel@gmail.com

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Sanimar Busse - sani_mar@yahoo.com.br

Professora Doutora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado em Letras da UNIOESTE.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a variação linguística e o ensino da Língua Portuguesa, considerando a relação fala e escrita, principalmente em contextos de contato linguístico, tendo em vista a necessidade de o professor elaborar um trabalho sistemático que dê conta dos desvios apresentados, pautando-se no conhecimento da própria língua. Sabemos que é no ambiente escolar que as variantes se encontram e torna-se visível a heterogeneidade linguística, bem como a influência causada pelas línguas de contato, e o papel do professor de línguas frente a essas diferenças e o ensino da norma culta precisam ser refletidos. Discutimos aqui a partir do embasamento teórico de autores como: Mollica (2009; 2015), Bortoni-Ricardo (2004; 2005) e Busse (2013; 2015), Bagno (2007; 2009), documentos oficiais que preconizam o ensino da Língua Portuguesa e demais autores da área para refletir sobre os caminhos que o aluno percorre até conhecer a sua língua e adequá-la às diferentes situações de interação.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Ensino; Contato Linguístico.

1 PALAVRAS INICIAIS

A discussão que apresentamos neste estudo surge da constatação da incompreensão sobre o código escrito pelos alunos, principalmente do Ensino Fundamental. Este artigo apresenta algumas reflexões preliminares da pesquisa em andamento no Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, sobre a relação fala e escrita. As discussões abordam aspectos mais gerais sobre a temática e se somam a trabalhos que se debruçam à descrição sobre a heterogeneidade ortográfica da escrita. Esperemos contribuir para o ensino de Língua Portuguesa, principalmente no que se refere à variação e diversidade linguística e à ortografia.

Os erros de ortografia identificados em produções escritas de alunos das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental revela que prevalece, nas aulas de Língua Portuguesa, a concepção normativa de trabalho com a língua. Tomando-a como estrutura homogênea, sem, contudo, analisar seus diferentes contextos de uso nas modalidades escrita e oral. Essa postura tem colocado alunos em conflito, principalmente, no que se refere à escrita ortográfica. Sem um trabalho

sistemático com a escrita, considerando processos e consciência fonológica, há uma incompreensão dos princípios que regem a fala e a escrita ortográfica.

As pesquisas na área da variação e mudança linguística aponta para a heterogeneidade sistemática da língua a partir dos condicionadores extra e intralinguísticos. Conforme destaca Alkmin (2001), os fenômenos de variação linguística podem estar relacionados a diversos fatores, pois dentro da mesma comunidade, as pessoas de sexo, origem geográfica e idades diferentes falam de maneiras distintas.

Bortoni-Ricardo (2005) enfatiza que a variação linguística não pode ser ignorada no contexto escolar, é papel do professor mostrar aos alunos que podemos utilizar diferentes formas de falar sobre algo. Essa pluralidade existente nas diferentes formas de se expressar pode revelar objetivos comunicativos distintos e, principalmente, a própria diversidade cultural dos grupos, a partir da formação histórica das localidades.

Segundo a autora, o comportamento linguístico exposto frente às variantes linguísticas utilizadas pelo outro é capaz de indicar a estratificação social, pois no Brasil podemos identificar os diversos grupos sociais pela sua maneira de falar. Perpetua-se em nosso país a má distribuição de renda, a injusta distribuição de bens culturais, dentre os quais podemos citar as formas valorizadas de falar (BORTONI-RICARDO, 2005), destinando maior prestígio às variantes que mais se aproximam da norma padrão da língua.

Os indivíduos denotam perfis linguísticos distintos em sociedades complexas necessitando assumir inúmeros papéis no que tange eventos ligados à fala. É nesse viés que o trabalho do professor de línguas deve estar pautado em considerar os diversos contextos de fala, tomar como referência as diversas experiências comunicativas dos alunos e os papéis sociais que desempenham, visando desenvolver práticas de letramento variadas. Mollica (2009) ressalta que no decorrer das aulas de Língua Portuguesa, cabe ao professor, promover eventos comunicativos que envolva os alunos.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO

A variação linguística é um tema que ainda necessita de maior atenção por parte dos professores de Língua Portuguesa, é necessário discutir e levar o aluno a refletir sobre a fala, a partir de elementos históricos e culturais. Os alunos, ao chegarem à escola conhecem e utilizam com eficiência a língua. Nas aulas, porém, os alunos devem ser levados a conhecerem a variedade padrão e identificarem a sua variedade como legítima do seu grupo de fala e compreender que as diferentes situações de interação (oral e/ou escrita) exigem conhecimentos específicos da língua.

A Sociolinguística contribui para o desenvolvimento dessa consciência linguística, pois, conforme Busse (2015, p. 45), descrever a língua a partir da sua heterogeneidade e relação com as variáveis intra e extralinguísticas. Cabe ao professor valer-se das pesquisas da área para levar o aluno a compreender a língua a partir do seu funcionamento. A Sociolinguística é definida por Mollica (2015, p. 9) como:

[...] uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos (MOLLICA, 2015, p. 9).

O princípio norteador para a realização do trabalho a partir da Sociolinguística é a compreensão de que a língua não é algo estático e acabado. Ao contrário, sua razão de ser e sua essência é a mutabilidade, a complexidade e a dinamicidade no interior das relações sociais (BUSSE, 2013), nesse viés a Sociolinguística pode colaborar, com seus estudos sobre a heterogeneidade constitutiva das línguas humanas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), com a análise sistemática da variação e da mudança linguística, sendo utilizado como um norte nas aulas de Língua Portuguesa.

Ainda ressaltando as questões relacionadas à Variação Linguística, Biderman (2001, p. 14) destaca que a língua evolui “segundo a marcha da história”, pois a “perpétua evolução constitui a marca das instituições humanas, dos sistemas linguísticos, sobretudo”, e “um instantâneo de uma língua num dado momento da sua história não fixará com fidelidade a sua fisionomia”, ou seja, a língua evolui ao passo em que a humanidade transforma-se e modifica-se, a história dita o ritmo da evolução dos sistemas linguísticos. Sendo assim, segundo Busse (2015, p. 25),

[...] entende-se que uma investigação dos processos de formação de uma comunidade a partir da descrição dos fatores prementes nestes movimentos tem a linguagem como fio condutor e pode favorecer a constituição de um quadro de análise e descrição da língua e seus usos pelo grupo (BUSSE, 2015, p. 25).

Esse quadro pode orientar o ensino da Língua Portuguesa atualizando aspectos da formação histórico-cultural da comunidade e fortalecendo a consciência de identidade linguística, considerando a afirmação de Labov (1976, p. 47), “pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, não de qualquer ponto de distância passada, mas são sob forma de uma força social imanente e presentemente ativa”, enfatizando a evolução dos sistemas linguísticos e suas implicações para o ensino da língua.

A respeito da oposição padrão/não-padrão, formas conservadoras/formas inovadoras, formas estigmatizadas/formas de prestígio, que são recorrente na língua à medida em que ela utilizada, Tarallo (2005, p. 11-12) chama atenção para o fato de que esta relação de concorrência nem sempre é verificada, pois podem surgir situações conflitantes de acordo com “a dimensão que as atitudes sociolinguísticas podem alcançar”. Situações em que uma forma não-padrão assume papel mais forte na comunidade só podem ser explicadas mediante o “encaixamento sociolinguístico da variável na comunidade de fala”, e este depende da atitude que os falantes, condicionados por questões culturais e sociais, assumem. (BUSSE, 2015)

No contexto das Variações linguísticas, Busse (2015, p. 35) enfatiza que abordar as variantes como desvios, erros e lapsos é ao mesmo tempo desconsiderar a evolução linguística a partir dos principais fatores, que são: O tempo, o espaço geográfico e as relações sociais:

Olhar para o fenômeno da variação na língua a partir da noção de erro, lapso ou desvio significa ignorar que as línguas mudam no tempo, no espaço geográfico e socialmente. É desconsiderar que a mudança é fator de manutenção das línguas vivas. A vida das línguas está condicionada aos falares que a compõem (BUSSE, 2015, p. 35).

No contexto escolar, o trabalho com a fala da localidade e sua relação com o português brasileiro resgata a identidade cultural do aluno e o insere na história da própria língua. A noção de erro dá lugar para a construção de conhecimentos sobre o uso da linguagem em diferentes situações de interação, situando-a na modalidade oral e escrita.

A respeito da relação língua e comportamentos sociais, Mollica chama atenção para o fato de o professor necessitar dos conhecimentos básicos sobre a Variação Linguística, para que possa aceitar os domínios linguísticos que seus alunos já possuem e lhe expor novas variedades de uso, tanto para a escrita quanto para a fala:

Sujeitas muitas vezes a estigmas sociais, as variantes estruturais são sempre legítimas e motivadas, pois há fatores sistêmicos, estilístico-sociais, lexicais e psicolinguísticos que as controlam. [...] O educador precisa desses conhecimentos para aceitar as variedades que os alunos dominam e oferecer a variedade standard como opção, tanto na fala quanto na escrita (MOLLICA, 2009, p. 30).

Deve-se ter em mente que “o comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua” (BORTINI-RICARDO 2005, p. 14). Além da distribuição de bens materiais e culturais, podemos afirmar que a língua traz no seu conjunto de variedades, os elementos da história e da cultura dos grupos, uma

hierarquia social que remete à formação das comunidades e da convivência entre os diferentes grupos.

3 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Numa avaliação ainda preliminar, podemos perceber que a variação linguística, da maneira como vem sendo trabalhada, nas aulas de língua portuguesa, não recebe seu devido valor como conteúdo de ensino. Embora os materiais didáticos dediquem um espaço para a discussão do fenômeno da variação, este é tomado a partir de formas estigmatizadas de variedades orais.

Em discussões sobre diversidade linguística e ensino, Busse (2015, p. 33) destaca,

O ensino de língua portuguesa carrega uma “culpa histórica” diante dos índices de desempenho dos alunos dos ensinos fundamental e médio, no que tange à leitura e à escrita. Essa situação é sobretudo apontada como mais alarmante no ensino público, que tem na sua clientela o falante de diferentes variedades do português. Consideremos, contudo, que a escola pública atende a toda uma comunidade de falantes do português que vive, no dia a dia, as riquezas do contato entre línguas e dialetos, distante, contudo, das experiências letradas necessárias para o trabalho que se realiza em sala de aula. É, portanto, na escola que os alunos terão, muitas vezes, as primeiras experiências com o mundo letrado. Precisamos nos questionar sobre como é essa experiência (BUSSE, 2015, p. 33)

Resgatar os traços da fala e, a partir deles, conduzir, o ensino da leitura e da escrita pode localizar o aluno nesse processo como agente que atua em diferentes contextos de interação e, de forma consciente, utiliza-se da língua.

Conforme destaca Mollica (2009), torna-se importante salientar que é no contexto escolar que as mais diversas culturas e experiências linguísticas se encontram, na escola os alunos aprendem a socializar-se, percebem as diferenças sociais e culturais existentes para a partir de então conhecer, usar e dominar outras variedades de língua, principalmente a padrão, e mais próxima da linguagem escrita.

Nesse contexto, de uso e dominação de diversas variedades da língua no ambiente escolar, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que,

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas (BORTONI-RICARDO, 2004, p.25).

Considerando-se que nos primeiros anos de alfabetização o aluno tem como principal referência a oralidade, que será o ponto de partida para a aquisição da linguagem escrita, a valorização das variedades apresentadas pelos alunos é de suma importância para que o trabalho de alfabetização esteja pautado na interação, na valorização e na construção de novos conhecimentos a partir daqueles que o aluno já possui.

É inegável a importância de o professor, no processo de alfabetização, respeitar as variedades linguísticas dos alunos como legítimas, a partir de um trabalho reflexivo. Nesse viés, Busse (2013) afirma que:

O desafio do professor das séries iniciais do Ensino Fundamental está em reconhecer e valorizar a diversidade linguística presente na fala do aluno e, a partir dela, inseri-lo no mundo letrado. A aprendizagem da escrita e o convívio com as formas escolarizadas da língua não devem prescindir do trabalho com diversidade linguística, devem tomá-la, contudo, como ponto de partida, valorizando e reconhecendo sua face cultural, social e histórica. A variedade linguística dos alunos deve ser respeitada como legítima. Para tal, é preciso que se reconheçam as variedades linguísticas como resultado das interações entre falantes de diferentes línguas, como fases das mudanças linguísticas, e, principalmente, como aspecto que caracteriza os grupos, os situa social e geograficamente. O trabalho com a aquisição da língua escrita deve, portanto, partir da compreensão e do estudo dos fenômenos da fala e, a partir, de uma metodologia que se ampare no conhecimento da língua, nos níveis fonético-fonológico e morfosintático, busque levar o aluno ao domínio da escrita nas diferentes situações de uso (BUSSE, 2013, p. 197).

Cabe ainda, ressaltar a definição de variação linguística apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua portuguesa que ressalta e deixa clara a existência da variação linguística, enfatizando que as variantes constituem uma unidade linguística:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

Nessa percepção nota-se a importância do trabalho com a Variação Linguística na sala de aula, para que os alunos aos poucos percebam que a língua está em constante modificação, e notem que diversos fatores determinam essa variação, que as diferenças constatadas com a pronúncia,

morfologia, sintaxe e emprego das palavras fazem parte da mesma unidade linguística constituída por diversas variedades.

Discutir aspectos da variação linguística é permear pelos caminhos da fala e perceber que os fenômenos não acontecem de uma única maneira. Para Alkmin (2001, p. 38), “os falantes diversificam a sua fala - isto é, usam *estilos* ou *registros* distintos – em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais”, sendo chamada essa diversidade, segundo a autora, de variações *estilísticas* ou *registros*. A autora esclarece, ainda, que a língua varia quanto à sua fonética, morfologia, sintaxe e léxico, conforme exposto também nos PCN de Língua Portuguesa.

Por tratar de variantes presentes na sociedade, a Variação Linguística apresenta-se como um ramo da Sociolinguística que possui muitas áreas de estudo e interesse, Mollica (2015, p. 10) afirma que dentre essas áreas estão “contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança”, a autora ressalta ainda, que a Sociolinguística leva em consideração a relevância social da linguagem tanto de pequenos grupos socioculturais como também os grupos maiores, vale ressaltar ainda, que mesmo se tratando de uma área de estudos que ainda tem muito a ser explorada, já foram publicados diversos estudos sobre o assunto.

Mesmo após diversos estudos e pesquisas publicadas acerca da Sociolinguística, o mito da homogeneidade da língua ainda está presente no senso comum e no ensino de língua materna em muitas escolas. Bagno (2009, p. 27) afirma que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc. (BAGNO, 2009, p. 27).

Sabemos que a língua está em constante modificação, portanto, não podemos defini-la como pronta e acabada, tampouco ignorar as variantes existentes, que são frutos de diferentes relações sociais. O ensino da língua, não deve estar pautado na imposição da norma padrão, mas no respeito às diversidades e no uso das variantes em diferentes situações de comunicação, para que o próprio aluno seja capaz de observar e utilizar a variante mais adequada em cada situação comunicativa, tendo em vista a heterogeneidade da língua. Bagno (2007) enfatiza que

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto *homogêneo*, [...], a *língua*, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente **heterogênea**, *múltipla*, *variável*, *instável* e *está sempre em desconstrução*

e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um *processo*, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma **atividade social**, um *trabalho coletivo*, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (BAGNO, 2007, p. 36, grifos do autor).

Enquanto a concepção descritiva vê a língua como variável, em constante transformação, devido ao uso da língua pelos falantes nas diferentes relações sociais, a gramática prescritiva aborda a língua como algo uniforme e invariável, tratando a variação como “barbarismos”, “vícios de linguagem”, “solecismos” etc., atribuindo à variação, valoração negativa, por considerá-los “desvios da norma”, nesse sentido, é importante observar o que versam os documentos oficiais sobre o ensino da Língua Portuguesa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) propõe algumas reflexões acerca do ensino da Língua Portuguesa, ressaltando a heterogeneidade empírica da língua e evidenciando a importância da sua adequação às diversas situações de uso:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 31)

Os PCN de língua portuguesa ressaltam a importância de reconhecer as diversas situações de uso da língua e adequar à maneira de falar segundo o contexto social. Esse tipo de variação linguística também denominada de variação social ou diastrática¹ muitas vezes ocorre de maneira inconsciente, quando o interlocutor já possui certa habilidade linguística, o fato é que a criança quando inicia sua vida escolar ainda não é proficiente linguisticamente e necessita de auxílio para que faça as adequações linguísticas às circunstâncias de uso de maneira assertiva e livre de preconceitos que depreciem o seu modo de falar e da sua comunidade.

Os documentos oficiais de língua portuguesa enfatizam ainda a questão de valorização linguística e das variedades, revendo o estereótipo de que na língua portuguesa existe o falar “certo e errado”. Quando falamos sobre adequação linguística precisamos também falar sobre as normas linguísticas existentes na língua portuguesa.

¹ A variação social ou diastrática, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (MUSSALIN; BENTES, 2006, p. 34).

Faraco (2008, p. 42) designa norma como “um conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos de variação” torna-se necessário conceituar norma culta e norma padrão, pois cabe à escola trabalhar a norma “cultura”, ou melhor designada, norma de prestígio. Espera-se que o aluno saia da escola dominando a norma culta da língua, porém sem esquecer-se das variedades existentes.

O ensino da língua portuguesa deve pautar-se, antes de tudo, na realidade social e cultural dos alunos, para que entendam o funcionamento da língua e como e onde usar suas variantes. Espera-se que a escola ensine a norma culta da língua, porém não deve ser esse seu único papel, e sim o de demonstrar, por meio de exemplos e explicações, as diferenças existentes na língua materna e a importância de conhecer tanto a forma coloquial quanto a norma de prestígio.

Ainda sobre o ensino da língua portuguesa, Bagno (2002, p. 32) afirma que

[...] parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 32).

Abordar as variedades linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa e dar lugar a estudos sobre as formas e usos da língua, torna o contexto escolar um espaço de interação e não mais um ambiente de uso exclusivo das variantes de maior prestígio social. Os Parâmetros Curriculares Nacionais ressaltam que durante o desenvolvimento dos conteúdos é importante propiciar a “observação da língua em uso de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico” (BRASIL, 1998, p. 60). Com o estudo das variantes em diversos aspectos de uso, o aluno passa a construir conhecimentos sobre o sistema linguístico, criar hipóteses e assimilar seu conhecimento prévio, aos processos construídos ao longo das aulas. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná,

O trabalho de reflexão linguística a ser realizado com esses alunos deve voltar-se para a observação e análise da língua em uso, o que inclui morfologia, sintaxe, semântica e estilística; variedades linguísticas; as relações e diferenças entre língua oral e língua escrita, quer no nível fonológico-ortográfico, quer no nível textual e discursivo, visando à construção de conhecimentos sobre o sistema linguístico (PARANÁ, 2008, p. 60).

Porém, o que se tem notado atualmente quanto ao ensino da Língua Portuguesa nas escolas é uma abordagem tradicional, como observa Bezerra (2010, p. 39): “tradicionalmente, o ensino de

Língua Portuguesa no Brasil se volta para a exploração da Gramática Normativa, em sua perspectiva prescritiva (quando se impõe um conjunto de regras a ser seguido)”, tem-se ignorado a bagagem linguística dos alunos, e imposto apenas as normas de maior prestígio.

Em uma breve retrospectiva histórica, de acordo com Santos (2002), nos últimos 30 anos uma ampla literatura discutiu o processo de ensino no Brasil. Um dos objetivos desse trabalho era de apontar questões de nível conceitual e metodológico para direcionar uma nova forma de conceber o ensino de leitura e da escrita. A língua como código, no processo de ensino-aprendizagem, passou a ser questionada por trabalhos das áreas linguísticas na década de 1980. A partir daí a linguagem deixa de ser encarada teoricamente como um conteúdo escolar e passa a ser entendida como processo de interlocução. Seguindo essa perspectiva, a língua se constitui na própria interação entre os indivíduos. Santos lembra que “passou-se, assim, a prescrever que a aprendizagem da leitura e da escrita deveria ocorrer em condições concretas de produção textual” (SANTOS, 2002, p. 31).

Portanto, para que o trabalho de ensino atinja os resultados esperados, é necessário que se considere a heterogeneidade linguística, que se conheça e elabore propostas a partir das variantes oriundas da comunidade de fala dos alunos.

4 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTOS DE CONTATO LINGUÍSTICO

O povoamento do território paranaense é marcado pela presença de grupos de descendentes, falantes de línguas europeias como o alemão, italiano e polonês. Essa realidade revela um contexto de contato linguístico que marca o português falado nas comunidades. Ignorar a presença de variedades linguísticas, no contexto escolar, e tratar a norma culta como única e exclusiva é de certa forma uma maneira de sufocar um fator cultural da comunidade.

As marcas linguísticas das regiões revelam a sua identidade histórica de colonização e evolução linguística, o Sudoeste do Paraná, por exemplo, recebeu colonizadores europeus principalmente vindos da Alemanha e da Itália. Os descendentes desses colonizadores que vivem na região carregam na sua fala marcas próprias dessa colonização.

Em se tratando das crenças e atitudes linguísticas² dos falantes da região Sudoeste do Paraná, pesquisas anteriormente desenvolvidas por Corbari e Sella (2013, p. 538) revelam que:

² Conforme Aguilera (2008), in Corbari e Sella (2013, p.538) “[...] a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”.

[...] se as questões de caráter conativo atuam coerentemente com as de caráter cognitivo e afetivo, como propõe a abordagem mentalista, os resultados deste estudo permitem prever que também as crenças e a valorização atribuídas às variedades faladas nas localidades do Sudoeste do Paraná e aos seus falantes serão majoritariamente de prestígio, especialmente no que diz respeito aos argentinos e italianos e suas respectivas variedades (CORBARI; SELLA, 2013, p. 538).

Os resultados das pesquisas demonstram que a população dessa região além de ter contato direto com outros dialetos possui atitudes de valorização de línguas como o italiano e o espanhol/castelhano falado na Argentina, mas uma pesquisa realizada por Pastorelli (2011) em um determinado município da região revela que muitos participantes consideram a língua alemã difícil de falar e com menos prestígio, os informantes apontaram a língua alemã como a língua estrangeira mais falada em algumas cidades da região.

Nesse contexto, o ensino da Língua Portuguesa deve permear por caminhos que superem o preconceito gerado pelas diferenças linguísticas com um trabalho que visa estimular os alunos a conhecer a própria língua e as marcas linguísticas presentes na sua comunidade de fala.

Segundo Busse (2015, p. 25),

A entrada do aluno para o contexto escolar é marcada pela complexa relação com a linguagem, em que é necessário conciliar a experiência referencial de uso da língua, baseada na oralidade, que se manifesta por meio da fala, na modalidade informal e espontânea, com as manifestações linguísticas mais monitoradas, em que prevalecem regras baseadas em abstrações, e na lógica da interação imediata (BUSSE, 2015, p. 25).

A pesquisa realizada por Sella (2017, p.45), com produções escritas de alunos do Ensino Médio do Sudoeste do Paraná, incluiu os estudos sobre a representação de tepe em lugar de fricativa glotal/velar ou vibrante múltipla, tal inclusão é justificada “por ser uma característica de um dos falares da região Sudoeste, influenciado pela expressiva imigração italiana e alemã na região”. O trabalho de pesquisa desenvolvido por Sella (2017) evidencia que:

[...] esta não é apenas uma representação sonora, mas é transposta para a escrita, gerando erros de grafia. As fricativas glotais e velares e a vibrante múltipla, senso comum, são representadas na escrita por apenas um ‘r’ quando ocorrem em início de palavra e quando se seguem às consoantes em sílabas travadas (a exemplo do ‘n’ e do ‘s’ – enrolado, enriquecer e Israel) (*apud* VEGINI, 2007). Porém, nos demais contextos são representadas por ‘rr’. Contudo, alguns estudantes apresentam dificuldades quanto à representação desses fonemas, como é o caso da grafia “tera” ao invés de terra. Ocorre, com muita frequência, o inverso desse processo, o que depreendemos seja hipercorreção, uma tentativa de correção do fenômeno aqui explanado, porém no contexto errado. (SELLA, 2017, p. 45-46).

O estudo supracitado expõe com grande relevância a influência dos dialetos de imigração nos falares e nos registros escritos de alunos do Sudoeste do Paraná, essas evidências carecem de tratamento adequado aos desvios apresentados, para que os alunos não desprezem ou até mesmo marginalizem a sua própria maneira de falar, não se tornem precursores ou alvos de preconceitos linguísticos, tampouco deixem de conhecer a norma culta tornando-se proficiente linguisticamente e utilizando-se da língua nas mais diversas situações de comunicação com a devida autoconfiança.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental é possível identificar desvios ortográficos correspondentes aos seguintes processos fonológicos, como os descritos por Sella (2017), conforme o quadro a seguir gerado a partir de um estudo preliminar sobre a produção escrita de alunos do Ensino Fundamental, em uma localidade do sudoeste do Paraná, reafirma a teoria da influência do contato do português com falantes de outras línguas, como o alemão e o italiano:

Quadro 1- Influência das línguas de contato na região Sudoeste do Paraná

Vocalização da Consoante lateral	Auguma, fauna, souta.
Monotongação	Poco.
Representação da fricativa velar, entre vogais, grafada com apenas “r”	Bariga, cachoro, arumo.
Vogais tônicas seguidas de /s/, se realizam em forma de ditongo	Veis, nois, feis.
Troca de /l/ pós-vocálico final por /u/	Pasteu.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os fenômenos apresentados no quadro revelam a influência que a Língua Portuguesa sofre pelas línguas de contato, tais fenômenos precisam ser identificados, catalogados e necessitam de um encaminhamento adequado por parte do professor de Língua Portuguesa, que não deve tratar todos os desvios apresentados de uma única maneira, considerando os desvios como barbarismos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho com a Língua Portuguesa é imprescindível que o aluno reconheça a sua língua, no conjunto de suas variações, o elemento agregador das interações realizadas pelo grupo a que pertence. As aulas, contudo, devem auxiliá-lo a entender que os diferentes contextos de comunicação exigem conhecimentos específicos da língua, como aqueles relacionados à variedade padrão.

Inicialmente, trata-se de reconhecer os elementos que dão origem aos traços da fala da localidade, mesmo aqueles estigmatizados pelos falantes. Em comunidades de fala que sofreram a

influência das línguas de imigração é comum encontrarmos desvios ortográficos decorrentes da transposição da fala para a escrita. Os fenômenos indicam os processos pelos quais o aluno constrói seu conhecimento sobre o funcionamento da escrita. Porém, as dúvidas devem ser superadas a partir da compreensão das diferentes realidades que envolvem a fala e a escrita.

É necessário, portanto, desenvolver um trabalho sistematizado com a língua já nas séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando os fenômenos da fala, a variação e a diversidade linguística, a oralidade, a fala e a escrita.

Este trabalho não quer se colocar conclusivo, mas indicar a necessidade de discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no que se refere à oralidade. Entendemos que é preciso superar a visão estigmatizada sobre os fenômenos da variação a partir do conhecimento da formação histórica do Português e da comunidade de fala.

6 REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BIDERMAN, Maria T. C. **Teoria Lingüística**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15-61.

BUSSE, Sanimar. Língua portuguesa, diversidade e ensino: uma análise de contextos multilíngues. In: Anais... **Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**, 4, 2013, p. 191-197.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Poliana; BUDKE, Ariane B. Língua Portuguesa, Diversidade e Ensino: A Aquisição da Escrita em Contextos Multilíngues. In: Terezinha da Conceição Costa-Hübes / Douglas Corrêa da Rosa (Orgs.). (Org.). **A pesquisa na educação básica: um olhar para a leitura, a escrita e os gêneros discursivos na sala de aula**. 1ed. Campinas/SP: Editora Pontes, 2015.

BUSSE, Sanimar. Variação linguística e o ensino: os desafios do ensino da língua portuguesa. In: Teresinha da Conceição Costa-Hübes. (Org.). **Práticas sociais de linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino**. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORBARI, Clarice Cristina; SELLA, Aparecida Feola. **Crenças e atitudes linguísticas no Sudoeste do Paraná: tendências de reação frente às diferentes línguas e etnias**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 42 (1): p. 526-539, jan-abr 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
LABOV, William. The study of language in its social context. In. PRIDE, John B.; HOLMES, Janet. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972. p. 180-202.

LABOV, William. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

MOLLICA, Maria Cecília. A formação em linguagem. In. MOLLICA, Maria Cecília (ORG.). **Linguagem: para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

PARANÁ, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf >. Acesso em 10 de Abril de 2018.

PASTORELLI, Daniele Silva. **A crença e a atitude linguística do capanemense**. Revista Línguas e Letras, Cascavel, v.12, n.22, p.13-41, 2011.

SANTOS, Carmi Ferraz. **O ensino da leitura e a formação em serviço do professor**. Revista Teias, Rio de Janeiro, ano 3, v. 05, n. jan/jun, p. 30-31, 2002.

SELLA, Poliana. **Erros de Grafia em Produções de Alunos do Ensino Médio: Análise e Reflexões**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

Title

Linguistic variation studies and Portuguese language teaching.

Abstract

This article's objective is to reflect about linguistic variation and Portuguese Language teaching, considering the relation between speech and writing, especially in contexts of linguistic contact, regarding the need for the teacher to elaborate a systematic work that can deal with the presented deviations, based on the knowledge of the language itself. It is known that the school environment is where the variants meet and the linguistic heterogeneity becomes visible as well as the influence caused by the contact languages, hence the language teacher's role towards these differences and the teaching of the standard language require some reflection. We discuss here from the theoretical background of authors such as: Mollica (2009; 2015), Bortoni-Ricardo (2004; 2005) and Busse (2013; 2015), Bagno (2007; 2009), official documents that support the teaching of Portuguese Language and other authors of the area to reflect on the paths that the student goes through until they know their language and adapt it to the different situations of interaction.

Keywords

Linguistic variation; Teaching; Contact Languages.

Recebido em: 20/04/2018.

Aceito em: 25/06/2018.